

O sonho e a guilhotina: metaficção e subversão da ficção em Joca Reiners Terron

Laura de Assis Souza*

A obra de Joca Reiners Terron é tão múltipla quanto seu autor. Terron, que nasceu em Cuiabá e hoje mora em São Paulo, já foi estudante de arquitetura, mas se formou em Desenho Industrial. Já foi músico, sócio de editora independente – a Ciência do Acidente, hoje extinta –; atualmente é designer gráfico e escritor. Lançou um primeiro livro de poemas, *Eletroencefalodrama* (1998), ao qual se seguiram: o romance *Não há nada lá* (2001), outro livro de poemas, *Animal anônimo* (2002), a novela *Hotel Hell* (2003), o livro de memórias *Curva de rio sujo* (2003), o livro de contos *Sonho interrompido por guilhotina* (2006) e, recentemente, o romance *Do fundo do poço se vê a lua* (2010), que faz parte da coleção *Amores Expressos*.

O presente trabalho se concentrará na análise do livro de contos *Sonho interrompido por guilhotina*. Em primeiro lugar, pode-se apontar o fato de que vários dos contos do livro utilizam o recurso da metaficção, com a própria literatura no centro do enredo. Para Beatriz Resende, *Sonho interrompido por guilhotina* é “uma emocionante homenagem à literatura” (2008, 132). Além de colocar em cena grandes escritores como Valêncio Xavier, José Agrippino de Paula, Glauco Mattoso e Raduan Nassar, que aparecem como personagens, alguns contos versam sobre o próprio fazer literário ou a literatura em si. De acordo com Beatriz Resende:

A obra vai se configurando como obra literária sobre a literatura, como diz o autor “Ler, ler, ler e além, pois a literatura combate o tempo com o único antídoto feito de sua própria matéria.” Tal apologia da obra literária não se faz, porém, como expressão de qualquer utopia, de redenção pela arte, pelo sublime. Ao contrário (2008, 133).

Para Joca Reiners Terron, a ficção é também um espaço para refletir sobre a tarefa do escritor, o papel do leitor e a própria literatura. O tom ensaístico é frequente e aparece como uma espécie de subversão da ficção. Karl Erik Schollhammer, em seu livro mais recente, *Ficção brasileira contemporânea* (2010), aponta para essa característica híbrida da obra de Terron:

*Mestranda em Estudos Literários (Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF).

Joca Reiners Terron rompe com todas as tendências tradicionais da literatura brasileira, escreve no campo minado entre ensaio e ficção, usando entrevistas, diários, anotações e fragmentos, sem abrir mão da liberdade imaginária e do atrevimento transgressivo na realização (2010, 133).

O conto que abre o livro, “De escritores e escorpiões”, é um bom exemplo dessa estratégia. Nesse conto, Joca Reiners Terron usa o espaço ficcional para construir uma história sobre a própria literatura e as relações entre escritor e leitor, sem, no entanto, criar uma trama no sentido tradicional ou caracterizar personagens. O conto se aproxima mais de um texto de observação que beira a anotação filosófica e o ensaio. Além disso, é dividido em fragmentos, com data e horário, como um diário:

Sábado, 15h15

O leitor ideal é cego.

Melhor dito, é o cego parado na esquina mais movimentada de uma grande cidade, à espera de quem o ajude a atravessar a rua.

O escritor necessita ter olhos, porém, para que alguma história ocorra, deverá ter a sorte de encontrar um cego esperando que alguém o auxilie a vencer a rua mais movimentada da cidade.

O escritor é aquele que subitamente abandona o cego no meio da travessia (2006, 11).

Nesse fragmento inicial, Terron apresenta uma versão para as relações entre escritor e leitor, construindo a metáfora do cego, que vai perpassar todo o conto. Mais adiante na narrativa, Terron desenvolve essa metáfora, caracterizando o escritor como o escorpião do título do conto:

Sábado, 16h26

O escritor encontra-se sob o signo de Escorpião: é da sua natureza assassinar o leitor que o carrega, feito o sapo na grande travessia da fábula de Esopo.

O escritor é o escorpião assassino, o leitor é o cego e o sapo confiantes.

O rio e a rua em que ambos se afogam é a literatura (p. 13).

O final do conto culmina com uma reflexão substancial de Terron acerca da tarefa do escritor e do papel da literatura. Persistindo no tom ensaístico e filosófico do texto, o autor apresenta o que para ele seria a definição do papel do escritor:

Sábado, 18h47

[...] O desejo do escritor é corrigir a natureza [...]. Qual seria o mecânico anseio do escritor a não ser maquinar o universo feito relógio onde tudo se encaixe? Uma vida passada a limpo, onde simplesmente roldanas deslizem? [...]

Eu permaneço em minha oficina nas profundezas do rio, procurando reparar o mundo (p. 13).

O penúltimo conto do livro é uma espécie de continuação ou retomada do primeiro conto. Em “De escorpiões e escritores”, Terron inverte o título e também o ponto de vista da narrativa, que agora abandona a figura do leitor para se concentrar na figura do escritor, mais especificamente o escritor contemporâneo, e faz considerações acerca desse que será o personagem principal do texto, já iniciando o conto com a afirmação de que “O escritor contemporâneo é triste pois sabe que não há mais futuro. Talvez o livro sobreviva ao tempo, mas a literatura, ah, a literatura não sobreviverá” (p. 171).

Ao longo da narrativa, o autor estabelece várias comparações entre o escritor contemporâneo e um “zelador de edifício em tardes de domingo” e afirma que “a literatura não faz mais sentido” (p. 173). O texto segue analisando a posição do escritor e a função da literatura nos dias de hoje:

O escritor contemporâneo foi abandonado pelo seu outro, seu *doppelganger* [...]. O escritor não faz mais sentido num mundo onde a regra é a desumanização do humano. O escritor só voltará a fazer sentido quando esse processo terminar e as pessoas ocas, murchas, esvaídas de espírito necessitarem novamente dos estofos de um taxidermista (pp. 173-174).

Assim como no primeiro conto de *Sonho interrompido por guilhotina*, em “De escorpiões e escritores” não há propriamente um enredo objetivo, personagens ou uma ação substancial. Todo o conto se articula em um discurso que apenas

expõe impressões de um narrador que faz reflexões acerca de um tema, no caso a própria literatura. Daí o caráter metaficcional do texto, que imprime um tom híbrido à literatura de Terron. Ao mesmo tempo em que publica contos na concepção tradicional do gênero, no mesmo livro o autor mescla textos, como os apresentados anteriormente, que funcionam mais como uma reflexão acerca da literatura nos dias de hoje, o que vai ao encontro do que Susana Scramin observa a respeito da literatura do presente:

A literatura do presente que envolve uma noção muito maior que a noção de contemporâneo é aquela que assume o risco inclusive de deixar de ser literatura, ou ainda, de fazer com que a literatura se coloque num lugar outro, num lugar de passagem entre os discursos (2007, 13).

Transitando no espaço entre ficção – pelo fato de o livro em questão ser um livro de contos – e ensaio – devido ao tom híbrido de alguns textos –, Terron empreende uma espécie de desficcionalização do enredo. Não há uma trama, personagens ou uma ação substancial. O objeto do texto é a literatura em si, e o gênero “conto” torna-se um espaço para que o autor reflita sobre a tarefa do escritor, o papel do leitor e a própria literatura.

Referências

RESENDE, Beatriz. *Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SCRAMIM, Susana. *Literatura do presente: história e anacronismo dos textos*. Chapecó: Argos, 2007.

TERRON, Joca Reiners. *Sonho interrompido por guilhotina*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.